

REVISTA

DESAFIOS

ISSN: 2359-3652

V.12, n.2, 2025 – DOI: http://dx.doi.org/10.20873/2025_ENEPEA_v12n2.05

A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM NAS CIDADES PLANEJADAS BRASILEIRAS: referências e transformações de Petrópolis, Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e Palmas (Séculos XIX e XX)

THE CONSTRUCTION OF LANDSCAPE IN PLANNED BRAZILIAN CITIES: REFERENCES AND TRANSFORMATIONS FROM PETRÓPOLIS, BELO HORIZONTE, GOIÂNIA, BRASÍLIA, AND PALMAS (19TH AND 20TH CENTURIES)

La Construcción del Paisaje en las Ciudades Planificadas de Brasil: Referencias y Transformaciones de Petrópolis, Belo Horizonte, Goiânia, Brasilia y Palmas (Siglos XIX y XX)

Luiz Otavio Rodrigues Silva

Professor Efetivo do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: luiz@mail.uft.edu.br | Orcid.org/0009-0001-8924-7741

Rosane Balsan

Professora Efetiva do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins UFT E-mail: rosanebalsan@mail.uft.edu.br | orcid.org/0000-0002-3299-6821

Alessandra Batista Santarém

Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: alessandra.batista@uft.edu.br | Orcid.org/0009-0005-2676-7474

RESUMO:

O estudo faz uma abordagem na organização da paisagem nos planos urbanísticos das cidades novas (urbes criadas intencionalmente, “ex novo”) brasileiras que serviram como referenciais através do século XIX e XX. Esses modelos importados da Europa foram aplicados nos planos de Petrópolis em 1845, Belo Horizonte em 1894, e elo entre os séculos XIX e XX, Goiânia em 1934, Brasília em 1960, e finalmente Palmas no Tocantins em 1988 agregando condicionantes físicos e ambientais. A tradição de planejar e construir cidades novas é aspecto fundamental da formação do Brasil, da sua cultura e principalmente da ocupação de seu território. Essas inserções acrescidas de condicionantes ambientais passaram a fazer parte dos planos urbanos na tentativa de organização do espaço. Essas correntes se disseminaram no meio técnico e acadêmico aliado a trocas de experiências. A investigação caracteriza-se como um estudo historiográfico que identificou e organizou a contribuição das grandes linhas de pensamento arquitetônico da paisagem ao longo do século XIX e XX. A metodologia embasa no estudo dos projetos urbanísticos que se materializaram no território nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades brasileiras; Planejamento Urbanístico; Arquitetura da Paisagem.

ABSTRACT:

The study takes an approach to the organization of the landscape in the urban plans of new cities (intentionally created cities, “ex novo”) in Brazil that served as references throughout the 19th and 20th centuries. These models imported from Europe were applied to the plans of Petrópolis in 1845, Belo Horizonte in 1894, and the link between the 19th and 20th centuries, Goiânia in 1934, Brasília in 1960, and finally Palmas in Tocantins in 1988, adding physical and environmental constraints. The tradition of planning and building new cities is a fundamental aspect of the formation of Brazil, its culture and especially the occupation of its territory. These insertions, plus environmental constraints, became part of urban plans in an attempt to organize the space. These currents spread in the technical and academic environment combined with exchanges of experiences. The investigation is characterized as a historiographical study that identified and organized the contribution of the major lines of architectural thought on landscape throughout the 19th and 20th centuries. The methodology is based on the study of urban projects that have materialized in the national territory.

KEYWORDS: Brazilian cities; Urban Planning; Landscape Architecture

RESUMEN:

El estudio aborda la organización del paisaje en los planes urbanos de nuevas ciudades (ciudades creadas intencionalmente, “ex novo”) en Brasil que sirvieron de referencia a lo largo de los siglos XIX y XX. Estos modelos importados de Europa fueron aplicados a los planos de Petrópolis en 1845, Belo Horizonte en 1894, y el vínculo entre los siglos XIX y XX, Goiânia en 1934, Brasilia en 1960 y finalmente Palmas en Tocantins en 1988, agregando aspectos físicos y ambientales. restricciones. La tradición de planificación y construcción de nuevas ciudades es un aspecto fundamental de la formación de Brasil, de su cultura y especialmente de la ocupación de su territorio. Estas inserciones, más las limitaciones ambientales, pasaron a formar parte de los planes urbanos en un intento de organizar el espacio. Estas corrientes se difundieron en el ámbito técnico y académico combinado con intercambios de experiencias. La investigación se caracteriza por ser un estudio historiográfico que identificó y organizó la contribución de las principales líneas del pensamiento arquitectónico sobre el paisaje a lo largo de los siglos XIX y XX. La metodología se basa en el estudio de proyectos urbanos que se han materializado en el territorio nacional.

Palabras clave: ciudades brasileñas; Planificación Urbana; Arquitectura del paisaje.

INTRODUÇÃO

A ideia de cidade como um monumento simbólico que marca uma época, um pensamento ou um ideal de apelo econômico e progressista, sempre permeou a história do urbanismo. Segundo Delson (1997, p. 63) “os portugueses planejaram e construíram cidades novas com o objetivo de supervisionar e civilizar extensas áreas no interior do território brasileiro e lançaram mão de uma certa padronização na construção de vilas”.

Na vasta extensão do território, o Brasil serviu de campo de experimentos para os desenhos urbanos saídos das pranchetas que vem desde Portugal e isso significa que as Américas acabaram se tornando um vasto campo na área de planejamento de cidades novas. Ao longo da história, tratadistas e visionários tiveram um papel de destaque, elaborando novos tipos urbanos e construindo uma base de conhecimento que influenciou profissionais de diversas áreas na produção de espaços urbanos novos que foram implantados em diferentes momentos históricos (Rossa, 2002). No Brasil, considerando a ação urbanizadora e intensa de delimitação territorial, esse saber de fazer cidades foi transmitido pelos portugueses e fundado no conhecimento experimental a partir da fundação de Escolas Militares. Muitas de nossas cidades, surgiram a partir de fortificações militares e os conceitos aplicados estavam sempre relacionados com as cidades ideais renascentistas (Teixeira; Valla, 1999).

Deste modo, foram construídas cidades com características específicas através de sucessivos processos de adaptação ao sítio, baseando-se em um repertório cultural até então acumulado. A procura de um modelo ideal, serviu como base nas aplicações das regras geométricas de regularidade e simetria. Partindo da constatação da fundação de cidades novas aliado ao movimento de modernização, consolidação do território e expansão econômica que se fez presente ao longo de todo o século XX no Brasil, é razoável procurar maneiras de ordenar mentalmente esse processo, por exemplo, identificando mudanças importantes no tempo e no espaço sendo o principal objetivo deste artigo. Portanto, a metodologia é o mesmo de qualquer periodização que se faz no estudo da história: tornar mais claros os grandes movimentos, as grandes inflexões, as grandes rupturas, com vistas a obter uma visão ordenada para a clareza no seu entendimento e em sua narrativa.

A MODERNIZAÇÃO DO BRASIL A PARTIR DE PETRÓPOLIS, RIO DE JANEIRO E SUA INFLUÊNCIA NO URBANISMO BRASILEIRO: Antecedentes

Segundo Mumford (1998), no plano internacional, o capitalismo expandiu seus domínios e seus efeitos tiveram reflexos na cidade industrial. Essas mudanças

trouxeram profundo impacto como, por exemplo, um adensamento populacional acelerado. Novas formas de organização do espaço se faziam necessárias, o que levou a mudanças na distribuição das populações nos territórios e a novas estruturas urbanas distintas dos modelos de cidades antecessoras.

A Inglaterra saiu na vanguarda desse processo, pelo fato de ter sido o palco do início da Revolução Industrial.

A revolução demográfica e industrial transformara já radicalmente a distribuição dos habitantes no território, e as carências dos novos locais de fixação começavam a manifestar-se em larga escala, na ausência de providências adequadas. As famílias que abandonavam o campo e afluíam aos aglomerados industriais ficavam alojadas nos espaços vazios disponíveis dentro dos bairros antigos, ou nas novas construções erigidas na periferia, que depressa se multiplicaram formando bairros novos e extensíssimos em redor dos núcleos primitivos (Benevolo, 1994, p. 35).

Diante desses problemas e na procura por soluções, os arquitetos passaram a ter contato com métodos, técnicas e diversas teorias econômicas, sociológicas ou antropológicas que contribuíram decisivamente para a materialização desses projetos urbanísticos. Nesse contexto, o Rio de Janeiro foi destinado a ser uma capital regional com a finalidade de exercer influência na reforma e ampliação de cidades no território nacional. O grande impulso se deu com a vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808, período em que foram tomadas medidas para modernizar o país.

Na remodelação do Rio de Janeiro surgiram correntes profissionais que contribuíram para a afirmação do urbanismo tanto no meio técnico quanto no meio acadêmico e nessa troca de experiências, a França se sobressaiu sobre todas as outras fontes do século XIX porque muitos profissionais associavam Paris à ideia de cidade-capital e de metrópole. A isso se acrescenta a excepcional capacidade técnica e administrativa de um quadro de profissionais que se destacaram nesse modelo operativo realizado pelo aparato público francês.

A partir dessa principal referência, no início do século XX predominava no Rio de Janeiro a influência francesa no seguimento da tradição da missão francesa de 1816 comandada por Grandjean de Montigny (1776-1850)¹, durante o primeiro Reinado (1822-1831) que elaborou uma proposta para o centro do Rio

¹ Com a corte vindo para o Brasil em 1808, o Rio de Janeiro tornou-se alvo de intervenções urbanas e arquitetônicas. Com a elevação da cidade a capital do Reino Unido de Portugal e Algarve em 1815, essas intervenções se intensificaram e, nesse contexto, se deu a contratação do arquiteto Grandjean de Montigny em 1816 que se integrou a outros artistas e artesãos franceses no que posteriormente ficou conhecido como “Missão Francesa”. Nascido em Paris e diplomado na *École d'Architecture*, trabalhou como arquiteto da corte de Jérôme Bonaparte (1784-1860), irmão mais novo de Napoleão Bonaparte (Dourado, 2008). Montigny deixou uma grande contribuição no campo do urbanismo, da arquitetura e do paisagismo.

de janeiro (figura: 1) e conseguiu formar cerca de cinquenta arquitetos e xortou os dirigentes na necessidade de arborizar as ruas e no incremento de praças no Rio de Janeiro (Mindlin, 2000).

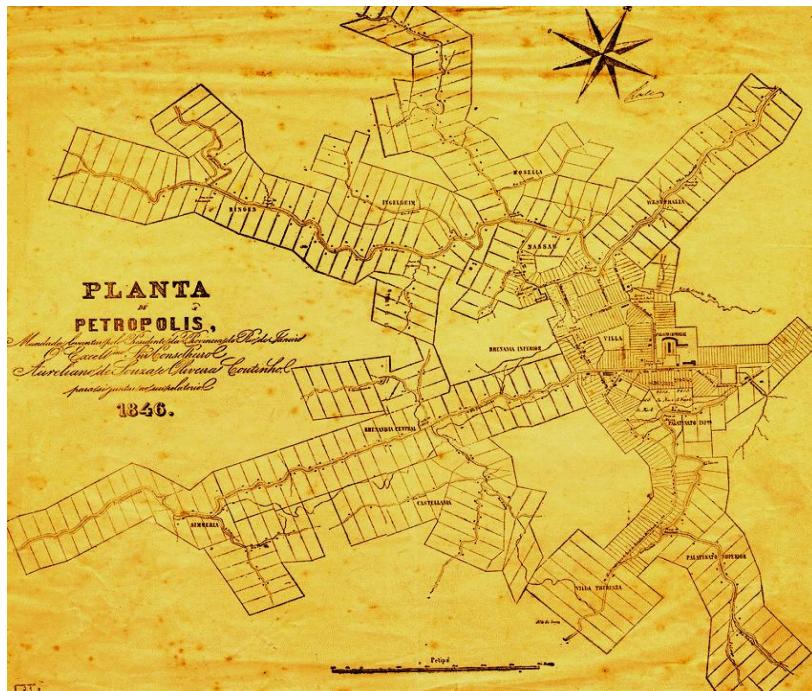
Figura 1 – Proposta para reforma do Centro do Rio de Janeiro



Fonte: Dourado (2008).

Nesse pensamento, o plano urbanístico de Julius Friedrich Koeler (1804-1847) constituiu uma grande inovação para o século XIX, harmonizando a ocupação humana com os elementos característicos da paisagem natural, formada por montanhas, rio e cobertura vegetal (figura: 2).

Figura 2 – Plano de Petrópolis (1843) de Júlio Frederico Koeler.



Fonte: A história de Petrópolis, (2013).

Dividida em doze bairros, cada um com uma praça, a cidade segue o curso dos rios e corredeiras, que funcionam como seus eixos de orientação e de estruturação. No centro de Petrópolis, onde se encontra o palácio imperial, as ruas arborizadas foram traçadas respeitando a topografia e com adições de pequenas praças floridas. As construções oficiais de diretriz neoclassicista e outras habitações dotadas de jardins são visíveis desde a rua, privilegiando o paisagismo, que é colocado em destaque na concepção do plano. Portanto, Petrópolis foi a primeira cidade brasileira em que a urbanização é associada ao paisagismo como característica principal. O estilo neoclássico que provavelmente seguiram os ensinamentos de Grandjean de Montigny configuraram-se como um dos primeiros ensaios na tentativa de espacialização e organização do espaço brasileiro nos moldes das cidades europeias.

O pensamento e a produção urbanística do período imperial foram transmitidos e aplicados no período republicano pós 1889, sendo que esse repertório foi adaptado e utilizado com a intenção de adequar as cidades ao novo modo de produção de base concorrencial, tendo a Europa como referência e adotando essas medidas “modernizantes” como as que estavam sendo postas em prática em outros países da América e Europa dotando as cidades com obras de saneamento e de “embelezamento”.

FRENTES PIONEIRAS

No que concerne ao planejamento urbano, adotou-se a preocupação formal, características das grandes intervenções feitas na Europa desde a década de 1860. As preocupações com as questões sanitárias (higienismo), a necessidade de romper com a estrutura colonial e a adesão ao “moderno”, juntamente com a ascensão de uma nova classe dominante, acarretaram intervenções nas cidades no que concerne ao embelezamento. A nova classe que ascendeu ao poder procurava criar novas cidades modernas, sadias e progressistas.

Junto com essas ações, voltou-se a discutir a conquista do interior da colônia com vistas à valorização mais eficaz do conjunto do seu território e a necessidade de uma demarcação mais precisa e segura de suas fronteiras por meio de uma rede de cidades novas cujo objetivo era resguardar os interesses da nação na consolidação de fronteiras e assim, seguiu-se a etapa da firmação das fronteiras brasileiras com implantação de novas cidades. Criou-se uma mentalidade que ajudou a dotar as cidades de melhorias econômicas, culturais, arquitetônicas e paisagísticas.

Essas contribuições colocaram a arte e a arquitetura a serviço da urbanização e do exercício do poder político. Definiu-se um plano sistemático com base em um modelo de urbanismo com base no culto da razão, da técnica ancorada no positivismo, bem como nos fundamentos cartesianos. Esta estética positivista se valeu dos métodos das ciências exatas, matemáticos, da sociologia e dos fundamentos teoria de Auguste Comte (1798-1857)² que teve grande influência no Brasil. Esse pensamento se irradiou através das Escolas Politécnicas e das Escolas de Engenharia e, somado aos métodos de Gaspard Monge (1746-1818)³ considerado criador do alicerce da geometria descritiva, fundamental instrumento de trabalho que auxiliou os engenheiros, os arquitetos e os urbanistas (Berman, 1986).

A partir de então, as escolas de engenharia se tornaram um campo propício ao pensamento positivista que se manifestava na ênfase dos traçados geométricos, nas grandes avenidas retilíneas e nas perspectivas monumentais (figura: 3 e 4).

Figura 3 – Vista frontal da Avenida Central do Rio de Janeiro, aberta em 1904 na reforma do prefeito Pereira Passos.

² Isidore Auguste Marie François Xavier Comte foi um filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo. Trabalhou na criação de uma filosofia positiva em uma tentativa de remediar o mal-estar social da Revolução Francesa, exigindo uma nova doutrina social baseada nas ciências. O Positivismo tem por base teórica a observação, ou seja, toda especulação acrítica, toda metafísica e toda teologia devem ser descartadas. Essa teoria alcançou relevância mundial, deixando, inclusive, grandes marcas na formação histórica da república brasileira (Dos autores).

³Gaspard Monge foi um matemático francês, criador da geometria descritiva e pai da geometria diferencial. Durante a Revolução Francesa, ele serviu como ministro da Marinha, e foi envolvido na reforma do sistema educacional francês, ajudando a fundar a *École Normale Supérieure* e da *École Polytechnique* de Paris (Do autor).



Fonte: Portal Arquitetônico, (2019).

Além do positivismo, a tradição das escolas de *beaux-arts*, também, teve influência, seja diretamente, seja indiretamente por meio do *City Beautiful Movement*, um movimento de reforma arquitetônica e urbana ocorrido nos Estados Unidos da América entre 1890 e 1900, cuja finalidade foi a de revitalizar os espaços públicos das cidades norte-americanas. Esse movimento floresceu especialmente em Chicago, Detroit e Washington.

Na ampliação das cidades brasileiras existentes e do seu entorno, outro modelo que foi seguido foi a influência exercida pelo “*Ensanche*” de Barcelona (1859), de Ildefonso Cerdá⁴, dos planos inspirados na cidade radioconcentrica do Renascimento e esquemas da *garden-city* de Ebenezer Howard que foram utilizados nos esquemas regulares e suas derivações na concepção de áreas adjacentes de bairros residenciais para as classes de alta renda. Nesse arcabouço, a identidade nacional brasileira foi tomado forma em um ambiente agrário antes que a modernização pela industrialização de fato acontecesse. Outras ideias que também foram absorvidas e foram implementadas: a Cidade Linear de Soria y Mata para Madri (1882), a Cidade Industrial de Tony Garnier (1901), os conceitos de Ebenezer Howard publicados no livro *Garden Cities of To-morrow* em 1898 que influenciou nas realizações de Letchworth (1904) e que depois serviram de modelo para as idealizações dos bairros-jardim de São Paulo. O

⁴Ildefons Cerdà i Sunyer foi um engenheiro urbanista e político catalão responsável pelo plano de extensão e reforma da cidade de Barcelona. Foi um dos fundadores do urbanismo moderno. O Ensanche de Barcelona foi um projeto urbanístico de ampliação da cidade além do perímetro de suas muralhas, uma reforma que se sucedeu em muitas das cidades europeias antigas. Ensanche – palavra de origem espanhola na linguagem do urbanismo é um terreno urbano dedicado a novas construções e é normalmente planejado (ampliação de uma cidade) e costuma ter uma malha ortogonal e quadriculada (Do autor).

movimento das Gardens Cities de Howard teve um grande significado para a construção social do ocidente.

Figura 4 – Renovação urbana em Belém do Pará seguindo modelos de Paris e Rio de Janeiro.



Fonte: Blogflanar, (2012).

Tal modernização em um contexto ainda agrário teve na construção de Belo Horizonte (figura 3) que foi uma espécie de elo entre o século XIX e o XX. O conhecimento trazido da Europa passou a ser divulgado nos círculos intelectuais brasileiro e depois propagado e aplicado em reformas urbanas, em várias regiões do território nacional. Através dessa difusão e troca de conhecimento no final do século XIX foi fundada Belo Horizonte a partir de uma decisão político-econômica, no local que se chamava Arraial Curral del Rei.

O plano foi concebido em 1893 e teve como protagonista o engenheiro politécnico paraense Aarão Leal de Carvalho Reis⁵ a convite do governador Afonso Pena. Reis tomou a frente da comissão de implantação formada por outros engenheiros graduados na Politécnica do Rio de Janeiro e também por artistas de renome internacional, como José de Magalhães, que cursou a École des Beaux-Arts, em Paris, o Francês Paul Villon, discípulo de Jean-Charles Adolphe Alphand (1817- 1891), ou o suíço João Morandi, com estudos na França e que participou da construção de La Plata, na Argentina.

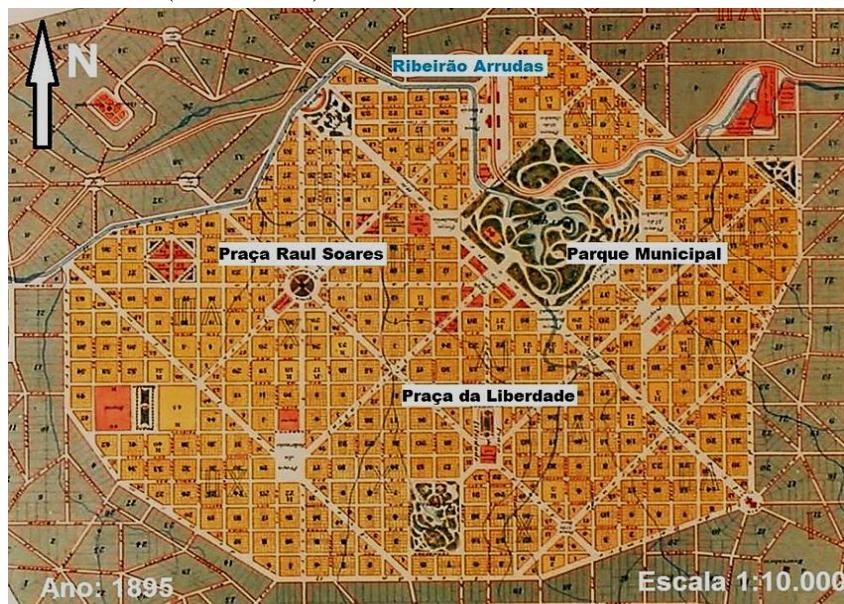
O desenho se baseou em princípios positivistas progressistas, de uma forte rigidez, de uma clara racionalidade no seu traçado regular, setorização dos espaços e inclusão de uma grande área verde com Projeto do francês Paul Villon (1841-1905) (figura: 5). Esses ideais cartesianos foram revestidos por um

⁵Paraense, Aarão Leal de Carvalho Reis (1853-1936) foi o engenheiro e urbanista destacado para realizar o levantamento do lugar apropriado para a implantação da nova capital do Estado de Minas Gerais em Belo Horizonte. Anos antes projetou a cidade nova de Soure na Ilha de Marajó no Pará (nota do autor).

carácter simbólico de “expressar o novo Brasil que se pretendia construir com a República” (Leme, 2005).

Essa proximidade indica modelos urbanísticos, arquitetônicos e artísticos atualizados em uma modernidade formal, porém, não significou um abandono do passado. Incluiu uma incorporação plástica através da linguagem geométrica para reafirmar o novo modelo de organização social.

Figura 5 – Plano urbano e Parque Municipal em pormenor projeto do francês Paul Villon (1894-1897).



Fonte: Arquivo Público BH, (2017).

Belo Horizonte foi a materialização da primeira cidade nova do período republicano com incremento de parques, sendo que ensejou uma série de cidades novas que foram construídas ao longo do século XX no território brasileiro. Esses tipos de planos se tornaram cada vez mais frequentes, incentivados pelas políticas de colonização, pela economia agrária e pelo desenvolvimento de diferentes regiões do país.

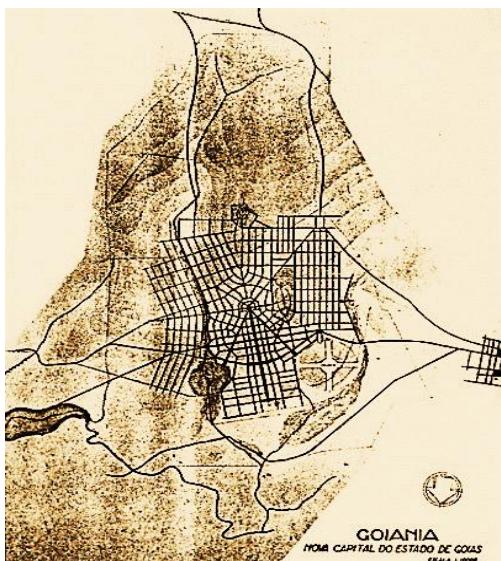
E assim, no decorrer das décadas de 30 e 40, a integração territorial e a construção de uma identidade nacional foram consideradas fundamentais para o desenvolvimento e a modernização com a consolidação da posse sobre o território nacional. Essa diretriz, trouxe benefício para a construção de uma nova capital para o Estado de Goiás. O então governador de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira encarregou o Arquiteto e Urbanista Attílio Corrêa Lima (1901-1943)⁶

⁶ Attilio Corrêa Lima arquiteto, paisagista e designer, nasceu em Roma em 1901, durante o período que seu pai o escultor José Octávio Corrêa Lima estava na Itália em prêmio de viagem. Aos 18 anos matriculou-se na Escola Nacional de Belas Artes- ENBA em 1920, diplomando-se

em 1933- para projetar a cidade de Goiânia (1932-1933), que teve suas origens no século XVIII, mas que só foi materializada na era Vargas, tendo a mudança se tornado realidade na década de 1930.

A proposta para o Plano de Goiânia incorporou bases do urbanismo barroco, seus espaços cênicos e monumentais (referência aos planos de Versalhes, Washington, Paris, e Belo Horizonte). Conjugada com a nova arquitetura, agregou ao desenho da cidade um plano racional semelhante à regularidade dada às cidades de colonização portuguesa (figura: 6).

Figura 6 – Plano de Attílio Corrêa Lima para Goiânia.



Fonte: Diniz, (2007).

Ao descrevermos essas intervenções, percebemos que no período pré-Brasília, na primeira metade do século XX, foram se delineando diversas correntes de pensamento urbanísticas, uma iniciada com os planos de melhoramentos de Pereira Passos no Rio, que posteriormente se ampliou para o conjunto da área urbana, e outra vertente baseada na troca de experiências com profissionais vindos do exterior e profissionais que estudaram fora que começaram se impor no país. Ao fazermos um exame do trabalho desenvolvido por esses grupos, constatamos que eles contribuíram para consolidar posições de uma arquitetura de vanguarda que não demorou muito para ser aceita em nível governamental.

cinco anos depois como Engenheiro-Arquiteto aos moldes do academicismo, herança da antiga Academia Imperial de Belas Artes. Conquistou prêmio de viagem à Europa para estudar por cinco anos no *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* e trabalhou no Atelier do Urbanista Alfred Agache, depois retornaria como professor (Diniz, 2007).

BRASÍLIA (1957-1960) DE LÚCIO COSTA E O URBANISMO COMO GERADOR DE CIDADES NOVAS PÓS-BRASÍLIA.

O discurso sobre a necessidade de estabelecer uma nova capital para o Brasil constitui uma síntese do pensamento e prática do urbanismo desde a construção de Salvador na Bahia (1549), passando pelas legislações urbanísticas portuguesas, pela construção de Belo Horizonte, (capital do Estado de Minas Gerais, em 1894) e de Goiânia, (capital do estado de Goiás, em 1934) e por uma longa série de cidades planejadas de pequeno e médio porte espalhadas pelo território nacional.

Após os trabalhos de Louis Ferdinand Cruls (1848-1908)⁷ - Comissão Cruls, estavam dadas as condições para a criação de “Brasília”. Ao avistar o sítio, o botânico Auguste François Marie Glaziou (1828 -1906)⁸; aqui considerado o fundador do paisagismo no Brasil, discorreu que “a paisagem do lugar é aprazível e comparável em miniatura aos antigos parques ingleses e franceses”. A partir da escolha da região, a comissão demarcou a área para a instalação do novo Distrito Federal com o estabelecimento de uma cidade nova seguindo critérios científicos.

Tendo sido um dos protagonistas da Arquitetura Moderna brasileira, Lucio Costa (1902-1998)⁹ explorou no plano de Brasília, os condicionantes do local e assim a cidade foi estruturada em um sítio visível por toda a encosta, erguendo-se ligeiramente sobre os terrenos laterais, mais baixos, nas bordas do lago conferindo ao lugar uma monumentalidade. (Figura: 7). A consideração desses

⁷ Luís Cruls (1848- 1908) foi Engenheiro de origem belga e diplomado em Engenharia Civil (Universidade de Gand) e aspirando a engenheiro militar. Durante um encontro com o Imperador D. Pedro II em 1876, este o convidou a se instalar no Brasil e nomeado adjunto do Observatório Imperial do Rio de Janeiro ficando encarregado de delimitar as fronteiras do Império (Vidal, 2009).

⁸ Glaziou (1828 -1906) nasceu em Lannion, na Bretanha, França em 1833. Formado em engenharia civil, estudou botânica no Museu de História Natural de Paris, aprofundando seus conhecimentos em agricultura e horticultura. Participou da reforma do Jardim Público da cidade de Bordeaux , na França. Em 1858, Glaziou veio para o Rio de Janeiro, onde durante longo período acumulou os cargos de Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial e Inspetor dos Jardins Municipais. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/glaziou/biografia.htm>. Acesso em 20 de jun. de 2019.

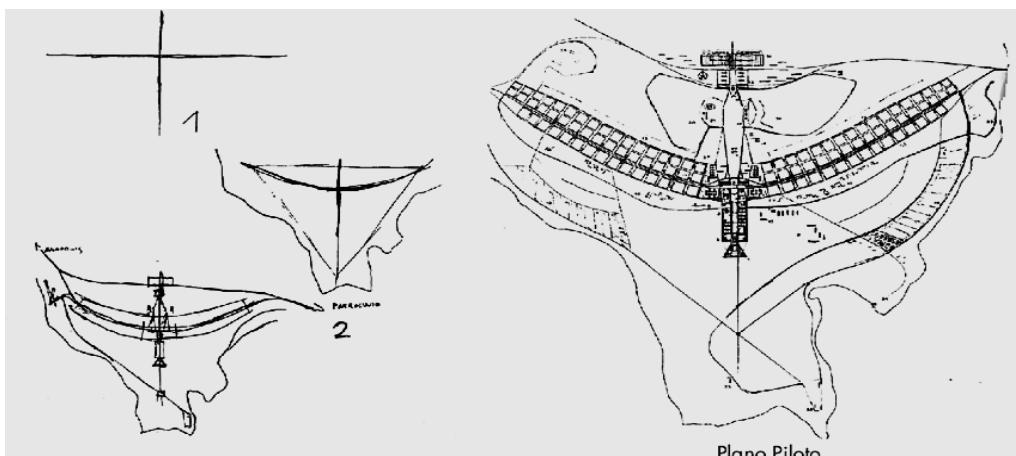
⁹ Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro Lima Costa (1902-1998) foi filho de um Almirante em missão militar na Europa. Nasceu em Toulon, viveu na França, na Inglaterra frequentou a Royal Grammar School. No Brasil frequentou a secção de pintura na ENBA- Escola Nacional de Belas Artes transferindo-se depois para o curso de arquitetura, na qual se diplomou em 1922. Colaborou no Escritório de Heitor de Mello e fez viagem de estudos a Itália. Lúcio Costa dispunha de experiência europeia, fluente em francês, de iniciação erudita na arquitetura colonial brasileira e de uso desta arquitetura como inspiração para a arquitetura moderna corrente do século XX (Costa, 1995).

condicionantes do sítio respondeu com precisão às necessidades explícitas no edital, vantagens que tirou do lugar para lançar a sua cidade e

Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dela toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz 2. Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, a melhor orientação, arqueandose um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo que define a área urbanizada (Costa , 1991).

Para Lúcio Costa, “A cidade nasceu pronta, do terreno, através da sensibilidade e o lugar apenas lhe conferiu valores simbólicos de nossa sociedade e nossa cultura”. Segundo Lúcio Costa, trata-se de um ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial” (Costa , 1991).

Figura 7 – Plano de Lúcio Costa, desenhos explicativos – Traçado preliminar.



Fonte: Costa (1991).

BRASÍLIA COMO REFERÊNCIA: PÓS – BRASÍLIA

Brasília como ideia, projeto e realidade ajudou a reforçar a unidade política e territorial diferente do que havia ocorrido nas colônias espanholas da América, que se fragmentaram em diversos países. Em todas as fases de evolução do Brasil, sempre houve uma preocupação em assegurar o domínio militar, econômico e político centralizado sobre essas terras conquistadas mediante a criação de núcleos de povoamentos.

Após 1960, a Região Centro-Oeste iniciou um processo de modificação de sua base produtiva, que foi fortemente impulsionada pela ação estatal através dos programas de incentivo à modernização agropecuária e de integração da região aos principais centros consumidores, elementos que trouxeram consequências no processo de redistribuição espacial da população.

Foram resultados da implantação de programas específicos desenvolvimentistas, como Prodoeste - Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste, Polocentro - Programa de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste), Provale - Programa

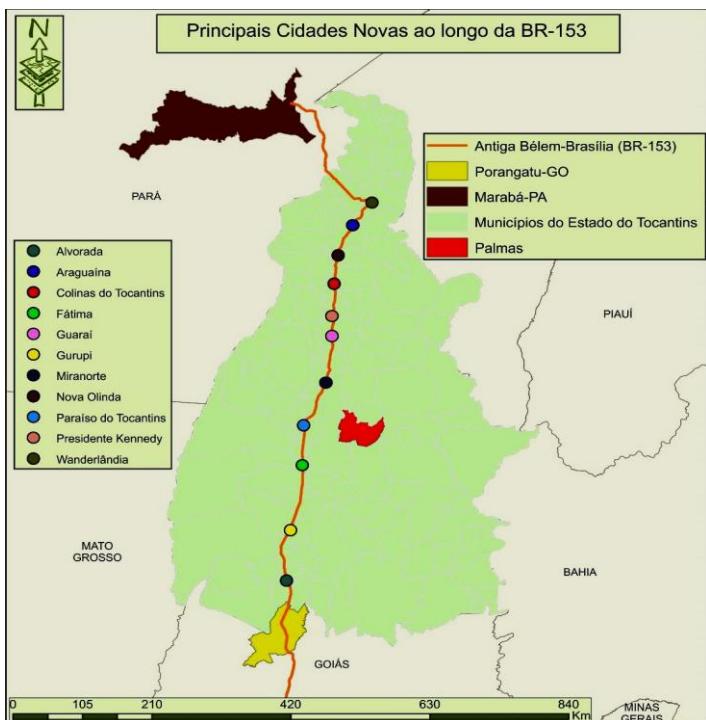
Especial para o Vale do São Francisco, Proterra - Programa de Distribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e do Nordeste, Polamazônia - Programa de **Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia**, etc. sob intervenção do governo militar e muitos deles efetivados pela ação da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM (De Albuquerque Bomfim, 2010).

Esses programas tiveram como base os Planos I e II do PND - Plano Nacional de Desenvolvimento, que deram um passo decisivo no processo de ocupação dessas fronteiras a partir de 1970 sob a ação do presidente militar Ernesto Geisel, cujo objetivo foi a expansão da fronteira agrícola e a exploração de recursos minerais, em que muitos grupos empresariais se beneficiaram da ocupação da fronteira amazônica. No avanço desse processo, novos eixos de migrações surgiram, envolvendo um grande contingente com as novas correntes populacionais oriundas do campo em direção às cidades no interior do país, que passaram a se configurar como cidades médias a partir dos anos de 1980 localizadas nas fronteiras produtivas.

Becker (1988) foi procurar explicação para as alterações no comportamento da migração, que datam a partir dos anos de 1980 em razão da mudança do padrão de acumulação do capital e circulação de bens e serviços. Esse novo processo levou à internacionalização da economia, à reestruturação produtiva, à precarização do mercado de trabalho, entre outros fatores, além de reorientar a localização das atividades econômicas no espaço. Por outro lado, o redirecionamento dos fluxos migratórios para as cidades novas e médias têm, notadamente, o estímulo do Estado que direciona o mercado de trabalho em favor do capital (Becker & Stenner, 2008).

Após a construção de Brasília, houve o deslocamento das cidades situadas ao longo do Rio Tocantins para as proximidades da rodovia Belém-Brasília (figura: 8). Com o surgimento de estradas, os eixos de penetração mudaram completamente e influenciaram no surgimento e na configuração das cidades.

Figura 8 – Principais cidades novas ao longo da BR-153 passando pela cidade de Marabá.

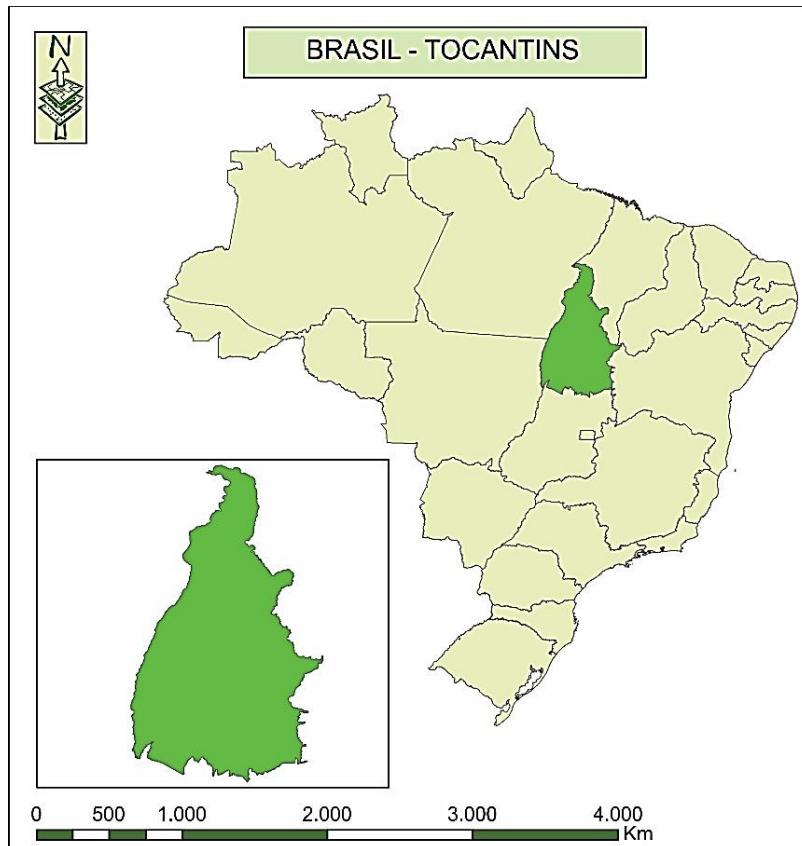


Fonte: Idealizado por Rodrigues (2003).

Souza (1997), discorre que a construção de muitas dessas cidades às margens das rodovias provocou a estagnação econômico-política de núcleos urbanos à beira dos rios, uma vez que a navegação fluvial entrou em declínio devido à concorrência do transporte rodoviário. Desta forma, a rodovia passou a ser o elemento de atração para a população que vivia originalmente nesses núcleos ribeirinhos.

Uma cidade foi criada para abrigar a nova sede governamental após a divisão do Estado de Goiás, no caso, a capital do novo Estado do Tocantins (Figura: 9). Marcada como a última cidade nova século XX, o sítio escolhido para a construção da nova capital Palmas (figura: 10), localiza-se na região chamada Canelas, no centro geográfico do Estado do Tocantins, entre duas Serras, a do Carmo e a do Lajeado.

Figura 9 – Tocantins – um novo Estado.



Fonte: Idealizado pelos autores (2023).

A cidade de Palmas (figura 11) foi implantada ao lado direito do rio Tocantins, oposta à BR 153 (Belém-Brasília); o quadrilátero, que inicialmente havia sido definido com 90 por 90 quilômetros, foi a seguir alterado para 112 km Norte/Sul por 90 km Leste/Oeste (11.085 hectares). O Plano de Palmas foi apresentado pelo Grupo Quatro Arquitetura Sociedade Simples Ltda. (Grupo Quatro, 1989)¹⁰, escritório contratado pelo Governador José Wilson Siqueira Campos (1928-2023), para alocar a cidade sobre o sítio selecionado.

O plano segue o reflexo de todo um pensamento urbanístico através de experiências colocadas em prática ao longo do século XX e dos conceitos da teoria urbanística moderna da qual são representantes. Foi estabelecida uma diretriz através do diálogo com o projeto de Brasília e, em menor intensidade, com o de Goiânia. Palmas, tal como Brasília (e Goiânia) foi proposta como capital política.

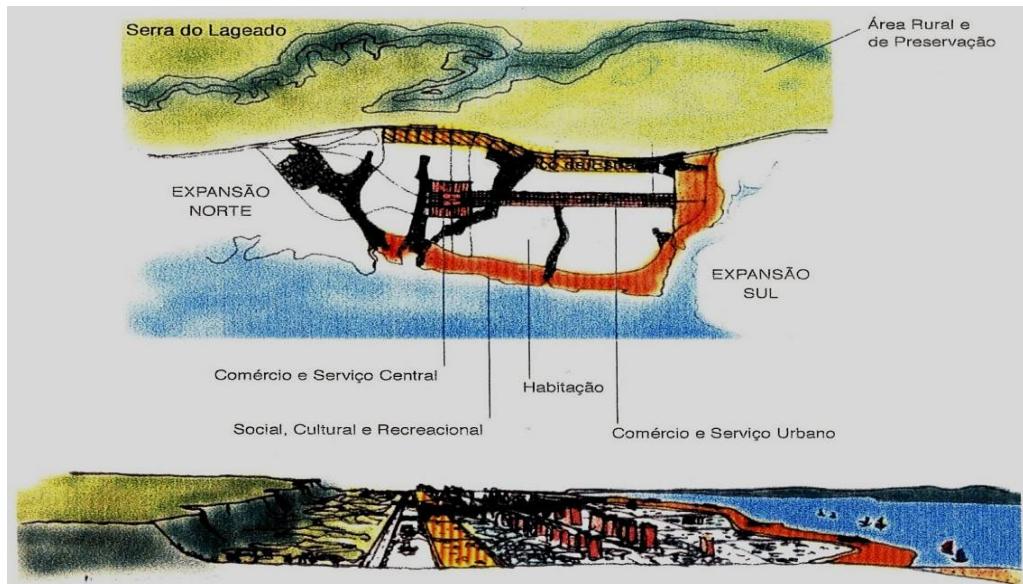
¹⁰ O Grupo Quatro, formado em 1974 por Luiz Fernando Cruvinel Teixeira, Walfredo Antunes, Walmyr Aguiar e Solimar Damasceno, foi um dos maiores escritórios de arquitetura de Goiás no período. Em quase vinte anos, desenvolveram projetos de urbanização para Aruanã, Anápolis, Goiânia e Gurupi, além de projetos de edificações, como a rodoviária de Goiânia (com consultoria de Paulo Mendes da Rocha) (Silva L. O., 2003).

Os autores responsáveis pelo projeto da nova cidade foram Luiz Fernando Cruvinel¹¹ (encarregado do desenho urbanístico) e Walfredo Antunes¹² (Coordenador do planejamento urbano para a capital); eram oriundos de Goiânia e os titulares do Grupo Quatro. O traçado, segundo os autores, respeita as características do clima e topografia, sendo mais adaptativo ao relevo, que impositivo (Silva L.O. 2003; Cerqueira, 1998). (Essa adequação ao sítio colocada em prática no projeto de Palmas foi uma característica marcante das implantações urbanas portuguesas no Brasil e referências óbvias a Brasília).

Figura 10 – Configuração físico-residencial.

¹¹ Luiz Fernando Cruvinel Teixeira, nascido em Goiânia em 1943, é arquiteto formado pela Universidade de Brasília em 1967, com pós-graduação em Estudos Tropicais (1969) e Planejamento Regional e Urbano (1974) na *Architectural Association* de Londres. Foi professor do curso de arquitetura da Universidade Católica de Goiás (1972-77), Coordenador da Fundação Instituto de Desenvolvimento Urbano e Regional do Governo do estado de Goiás. Teve várias passagens por cargos públicos em instituições estaduais e regionais. É o titular da firma, associado a Antunes, ambos são os responsáveis técnicos pelo Plano Diretor de Palmas; o grupo trabalha com diversos arquitetos associados ao escritório desenvolvendo projetos em co-autoria, prática que passou a ser usada em Palmas, tanto no desenho das quadras residenciais quanto no projeto dos prédios da estrutura administrativa estadual e municipal (Silva L. O., 2003).

¹² Walfredo Antunes de Oliveira Filho, nascido em São Paulo em 1948, cursou a Faculdade de Arquitetura Mackenzie e formou-se arquiteto na Universidade Católica de Goiás (1974). Fez cursos de Paisagismo (1975) e Transporte Urbano (1976) na Bélgica e defendeu trabalho de mestrado em Planejamento Urbano e Regional na *London School of Economics* (1981). Foi presidente do Instituto de Planejamento Municipal da prefeitura de Goiânia (Iplan) em 1973 e Coordenador do Programa para o entorno do Distrito Federal (Silva L. O., 2003).



Fonte: Grupo Quatro, (1989).

Os autores afirmam ainda que a cidade nova é o exemplo da aplicação do ideal do urbanismo modernista pós-Brasília, ou “modernismo tardio”, que busca a harmonia entre a natureza e a paisagem urbana *strito sensu*.

No plano de Palmas, a intenção foi de apropriação das margens do Reservatório da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, enquanto Brasília foi de contemplação. Palmas evoca a imagem de cidade-jardim com extensos gramados, com os prédios implantados em meio ao verde. Esta é a imagem que os brasileiros associam a sua capital desde que ela foi construída.

O plano geral da área dividida de Palmas “tem conformação retangular formal e traçado ortogonal racional, indicando, aparentemente, uma organização simplificada, por meio do emprego de formas regulares, geometrizadas e simétricas” (BESSA; Pimentel de, 1997, p.7).

Um momento para o paisagismo de Palmas que se dava em reconhecimento de sua produção e de seus arquitetos, como: Luiz Fernando Cruvinel Teixeira e colaboradores, Ernani Vilela e Mari Luci Costa, Oscar Niemeyer que podemos ver em mais detalhes em Lima (2021).

E, como afirma Silva (2010) Palmas, desse modo, figura como um caso de transição entre a modernidade e a pós-modernidade e nos permite pensar os desdobramentos da implantação da cidade projetada no Brasil. Para a autora Palmas, pode nos levar muito além, em direção a uma cidade em busca do seu tempo, concebida pela autora como construção imaginária, que transforma o espaço urbano em lugar de construção de sentido, criando uma cidade sensibilista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste artigo é um esforço de mostrar um amplo e diversificado grupo de especialistas que aborda a paisagem e a construção da arquitetura em algumas cidades brasileiras e algumas relações com a história econômica do Brasil. Privilegiamos tempos e lugares (Petrópolis, Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e Palmas) considerados relevantes nesta historiografia por tratar de variadas realidades arquitetônicas e urbanas, de diversas épocas e localizadas em distintas regiões.

Assim, ressaltamos que o paisagismo é um grande mosaico de produção e dos seus arquitetos, do urbanismo e da organização das cidades e do território, destacando períodos e cidades significativas desse processo, para o qual contribuíram para a dinâmica histórica e geográfica e indicam novas possibilidades de estudos.

A criação em alguns Estados de novas cidades-capitais, Belo Horizonte, Goiânia, e a fundação de Brasília, Capital Federal contribuíram decisivamente para se pensar o paisagismo que atualmente ganha contornos mais nítidos e revela sua importância de qualidade de vida para a população, como a questão das mudanças climáticas, passou a ser parte das agendas na arquitetura, do paisagismo e no planejamento urbano em diferentes escalas urbanísticas.

Partindo das dimensões sociais, ambientais, econômicas e institucionais em busca dos objetivos do desenvolvimento sustentável cada vez mais o paisagismo vem se preocupando com as metas com um olhar para cada território com suas especificidades de cada lugar.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos ao Arquiteto e Urbanista Luso-brasileiro Walfredo Antunes de Oliveira Filho. Na sua ampla carreira profissional e contribuições, participou da elaboração do projeto da Cidade de Palmas -TO e dos títulos e condecorações relevantes, recebeu a Medalha “Lucio Costa”, concedida pelo IAB, em 2010. Foi Professor da cadeira de Urbanismo do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins onde deixou como legado o projeto da Biblioteca Central entre outras contribuições acadêmicas.

Referências Bibliográficas

ARQUIVO PÚBLICO BH. Planta da então Cidade de Minas, mais tarde chamada de Belo Horizonte, elaborada por Aarão Reis. 2017. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-educativa-celebra-120-anos-de-bh-com-serie-sobre-planejamento-urbano>. Acesso em 06 de dez. 2019.

- ARQUIVO PUBLICO BH. **Parque Municipal em pormenor. Projeto do francês Paul Villon (1894-1897).** Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-educativa-celebra-120-anos-de-bh-com-serie-sobre-planejamento-urbano>. Acesso em 06 de dez. 2019.
- BECKER, k. Bertha; STENNER, Claudio. **Um Futuro Para a Amazônia.** São Paulo: Oficina de Textos, 2008.
- BENEVOLO, Leonardo. **As Origens da Urbanística Moderna.** 3. ed. Lisboa: Rolo & Filhos, 1994.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmantha no ar:** a aventura da modernidade. 16. ed. São Paulo: [S.n.] 1986.
- BESSA, Kelly; OLIVEIRA, Claudia Fernanda Pimentel de. Ordem e desordem no processo de implantação de Palmas: a capital projetada do Tocantins. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online),** São Paulo, Brasil, v. 21, n. 2, p. 497–517, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/117161>. Acesso em: 28 jul. 2024.
- BLOGFLANAR. **Garimpando a Belém de outrora.** 2012. disponível em: <http://blogflanar.blogspot.com.br/2012/10/garimpando-belem-de-outrora.html>: Acesso em 06 de dez. 2019.
- COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- _____. **Relatório do Plano Piloto de Brasília.** Brasília: Governo do Distrito Federal, 1991.
- DE ALBUQUERQUE BONFIM, P. Fronteira amazônica e planejamento na época da ditadura militar no Brasil: inundar a hiléia de civilização? **Boletim Goiano de Geografia,** 13-33, 2010.
- DELSON, R. M. **Novas Vilas Para o Brasil Colónia:** Planeamento Espacial e Social no Século XVIII. Brasília: Alva Ciord, 1997.
- DINIZ, Ana Maria. **Goiânia de Atílio Corrêa Lima 1932-1935. Dissertação de Mestrado.** Brasília: UnB- Brasília, 2007.
- DOURADO, G. M.. **Belle époque dos jardins:** da França ao Brasil do século XIX e início do XX. 2008. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Carlos, São Paulo, Brasil. Fonte: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-07042009-154158/publico/doutorado.pdf>.
- GRUPO QUATRO. **Projeto da capital do estado do Tocantins:** plano básico/memória. Palmas: Governo do Estado do Tocantins/Novatins, 1989.
- CERQUEIRA, Humberto. **O Plano e a Prática na Construção de Palmas.** (1998). Dissertação de Mestrado UFRJ/IPPUR.
- LIMA, Wesley dos Santos. **Formas Simbólicas Espaciais:** Os Monumentos Na Praça Dos Girassóis Em Palmas - TO. 2021. Programa de Pós-Graduação em Geografia.
- LEME, Maria Cristina. **Urbanismo no Brasil, 1895-1965 .** Salvador: EDUFBA, 2005.
- MINDLIN, H. E. **Arquitetura Moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora/ IPHAN 2. ed, 2000.
- MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História:** suas origens, transformações e perspectiva . São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PLANO de Petrópolis (1843). **A história de Petropólis (Blogspot).** 2013. Disponível em: <http://ahistoriadepetropolis.blogspot.com.br/2013/11/quarteirao-vila-imperial.html> Acesso em 20 de nov. 2024.

REFORMA urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro, A. **Portal Arquitetônico**, 2019. Disponível em: <http://portalarquitetonico.com.br/a-reforma-urbana-de-pereira-passos-no-rio-de-janeiro/> Acesso em 06 dez. de 2019.

ROSSA, Walter. **A Urbe e o Traço:** uma Década de Estudos Sobre o Urbanismo Português. Lisboa: Livraria Almedina, 2002.

SILVA, Luiz Otávio Rodrigues. **Formação da cidade de Palmas de Tocantis.** Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2003.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Palmas, a última capital projetada do século XX:** uma cidade em busca do tempo / Valéria Cristina Pereira da Silva. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SOUZA, Sonia. **O desenvolvimento vem da estrada:** A Belém-Brasília e a Fundação de Guaraí -Dissertação de Mestrado. Recife: UFPe, 1997.

SOUZA, S. **O desenvolvimento vem da estrada:** A Belém-Brasília e a Fundação de Guaraí - Dissertação de Mestrado. Recife: UFPe, 1997.

TEIXEIRA, Manuel & C. VALLA, Margarida. **Urbanismo Português Séculos XIII-XVIII.** Portugal-Brasil: Livros Horizonte, 1999.

TOCANTINS, Secretaria de Estado de Cultura. **Tocantins, seus símbolos, seu povo, sua história.** A praça dos Girassóis. Palmas-TO.2013.

VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília.** Brasília: Universidade de Brasília, 2009.